

A decisão passa ao largo dos partidos

Os campos estão definidos neste segundo turno a tal ponto que quando um dirigente partidário, como acontece no PSDB, se diz favorável à neutralidade do partido em contraposição aos que preconizam o apoio a Lula, ele está apenas dizendo que fica com Collor, muito embora por delicadeza se disponha a poupar seus companheiros de esquerda do constrangimento de uma opção formal contra o perfil de meio-esquerda tão grato aos *tucanos*. É claro que Mário Covas, Pimenta da Veiga, Jorge Hage, Vilela Filho e outros não têm alternativa, todos ficam com Lula. Mas para Franco Montoro, José Richa, Tasso Jereissati e Aécio Neves da Cunha o caminho é Collor, essa sua vocação, essa a fidelidade à história pessoal de cada um. Fernando Henrique Cardoso vai ao sacrifício pessoal e fica com o candidato do PT e José Serra viverá por algum tempo o seu drama pessoal entre a fidelidade ao partido e sua convicção íntima.



A mesma coisa se passa no PMDB. A esquerda de Miguel Arraes e Waldir Pires segue sua embocadura e reforça a campanha popular e progressista do candidato do PT, no fundo, salvo a hipótese de um dos dois ter sido também o candidato, a preferência eleitoral de ambos. Mas eles não são o partido, representando apenas uma parcela do PMDB, a mesma parcela que construiu um muro de Berlim em torno de Ulysses Guimarães e ajudou a inviabilizá-lo eleitoralmente para o segundo turno. Orestes Quêrcia, com os olhos na sua própria sucessão para a qual terá de encaminhar uma candidatura que irá se opor à do PT, pensa na melhor maneira de abrir para Collor, coisa já decidida por sua equipe dentro da vocação natural do seu provável eleitorado. Newton Cardoso não está em condições de apoiar ninguém e a manifestação de sua preferência íntima pode ser nociva para o candidato.

Assim vão os partidos, inoperantes diante de um quadro eleitoral no qual são os grandes rejeitados. O PFL, reduzido à expressão mais simples, tem tido o cuidado de não se manifestar e evita até mesmo convocar reuniões. Maluf está pregado ao solo com seu PDS, condenado a apoiar Collor mas com pudor de fazê-lo: pode ouvir desaforos do candidato. As vertentes eleitorais, os dois grandes rios, passam ao largo e por eles navega o país, independentemente das decisões de políticos que perderam o controle das águas e temem afundar cada vez mais. Nisso tudo, porém, os candidatos vivem também o seu drama: como negociar com quem não tem prestígio eleitoral mas dispõe ainda de uma cor política que poderá tingir inconvenientemente sua própria candidatura.

Tanto o PT quanto o PRN estão cautelosos, reticentes e até agressivos na seleção de apoios. O PT repele adesões mesmo quando quer o apoio de um partido como o PMDB. O senador Jamil Haddad, da Frente Brasil Popular, informa que se o governador Moreira Franco apoiar Lula não estará convidado para subir ao palanque. Até parece coisa do primeiro turno. E o veterano João Amazonas, dirigente do PC do B, também integrante daquela frente, experiente timoneiro comunista, chefe de guerrilhas no Araguaia, surpreende ao rejeitar o apoio de um homem da sua idade, velho lutador pela democracia, o deputado Ulysses Guimarães, a quem aponta como alvo da rejeição popular.

De outro lado, Collor sente-se afogado pelo apoio explícito da Fiesp, promovido pelo sempre inoperante (politicamente) Mário Amato, e se vê compelido a recusar os votos dos amigos que Sarney liberou para apoiá-lo. Ora, o presidente não liberou seus líderes para Collor mas para votar em quem quiserem, pois não deseja criar constrangimentos. Ele não é parte na contenda e seu voto não é difícil de ser adivinhado, embora esse segredo só venha a ser revelado nas futuras memórias do presidente. Essas reações cautelares, como as do PT e do PRN, pouco significam. O eleitorado está basicamente dividido e decidido, embora a campanha possa afetar aquela enorme parcela de não engajados nem comprometidos sensíveis aos atropelos de uma campanha no curso da qual muita coisa que não está explícita possa se tornar bastante visível.

Lula conta com seu sólido PT, com o sentimento larvar esquerdista que predomina na juventude, nos meios intelectuais, nas cúpulas políticas, com a militância operosa da esquerda clerical (mais eficaz que a dos partidos) e com uma mensagem fascinante de renovação e mudança num país em que tradicionalmente nada muda por decisão política. Collor tem o apelo da sua juventude, do seu escasso comprometimento com um passado que a nação rejeita e a concordância dos que resistem não só ao comunismo mas a uma esquerda que vai perdendo o charme em todo o mundo na hora da *perestroika*. Há um sentimento de liberdade que não se compatibiliza com a ampliação dos poderes do Estado, mensagem que cada vez mais divide, num país indeciso como o nosso, a opinião dos peritos e dos competentes. Com o apoio do empresariado, do *establishment*, das correntes liberais e conservadoras, quer queira ou não, Collor terá de manter a esperança na força de uma liderança que permite mudar o processo mas sem afetar as estruturas. Mudar os meios já é alguma coisa.

Carlos Castello Branco